



VOL.7 | N. 14 | JUL/DEZ DE 2021 | ISSN 2359-4489

DIPLOMACIA PATRIMONIAL:  
O PATRIMÔNIO CULTURAL  
COMO MEDIADOR DAS  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## Análise quantitativa dos cemitérios dos Paivas, dos Prates e Municipal Papa João XXIII em Santo Augusto, Rio Grande do Sul (sécs. XIX-XX)

*Quantitative analysis of the cemeteries of Paivas, Prates and Municipal Pope John XXIII in Santo Augusto, Rio Grande do Sul (cent. XIX-XX)*

*Ana Gabriela Ribeiro de Souza Padilha<sup>1</sup>*

*Jaisson Teixeira Lino<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo analisa como se deu a constituição dos cemitérios dos Paivas, dos Prates e Municipal Papa João XXIII, situados no município de Santo Augusto, no Rio Grande do Sul/Brasil, bem como os aspectos que os distinguem e como isso apresenta quem eram os sujeitos que compunham a sociedade de Santo Augusto naquele momento. O recorte temporal estudado é o de fins do século XIX e decorrer do século XX, visto que a região sofreu grande processo de migração. Portanto, para este artigo foi empreendido um estudos histórico centrado na cultura material, priorizando a coleta de dados em campo com uso de tabelas para organizar o material encontrado em cada visita.

**Palavras-chave:** Cemitérios Históricos, Santo Augusto, História Regional.

**Abstract:** This paper analyzes how was the constitution of the cemeteries of Paivas, of the Prates and the Municipal Pope John XXIII, located in Santo Augusto, city of Rio Grande do Sul / Brazil, as well as the aspects that distinguish them and how it presents who were the subjects that made up the society of Santo Augusto at that time. The studied time frame occurs in the late XIX century and during the XX century, since the region suffered a great migration process. Therefore, for this article a historical-archaeological study was done prioritizing data collection in the field using a table to organize the material found at each visit.

**Keywords:** Historical Cemeteries, Santo Augusto City, Regional History.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Email: ana\_gabrieladesouza@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor Associado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: lino@uffs.edu.br.

A veneração por defuntos percebia-se não apenas pelos ritos religiosos, mas também pela tentativa de preservação dos corpos por meio da inumação – que deu origem, por exemplo, às necrópoles<sup>3</sup>. Na Antiguidade Clássica já existiam organizações funerárias que auxiliavam as famílias enlutadas, principalmente no momento dos sepultamentos. No decorrer da história da humanidade, os cemitérios foram se reconfigurando, se remodelando, por motivos diversos (que não são o foco de análise deste artigo), seja por questões que vão desde gostos estéticos ou questões sócio-culturais de cada época, passando também por questões eugenistas (nesse caso, a partir do século XIX).<sup>4</sup>

Já ao final do século XVIII, a medida em que a maneira como as sociabilidades com os mortos foram transformando-se – quando não mais eram colocados nas igrejas ou mesmo em seu entorno – ocorreu o crescimento na quantidade dos túmulos. A igreja deixava de ser templo de morada dos mortos, para dar lugar aos cemitérios. Segundo Antonio Motta, “[...] distantes de suas casas e igrejas, de suas paróquias, a céu aberto, os mortos encontrariam abrigos nos túmulos.”<sup>5</sup>

Essa mudança explica o fato de que muitos cemitérios tinham semelhanças com capelas ou mesmo igrejas, apresentando aspectos morfológicos laicizantes e, até mesmo, parecidos com as residências dos falecidos.

Para Motta,

àquela altura não se tratava apenas de assegurar ao morto um lugar no céu, mas garantir também um lugar na terra, sob a proteção de uma coberta, aos cuidados da família, para lhe proteger das intempéries, e também resguardar a imagem de conservação do corpo. Nos túmulos acumulavam-se cadáveres, cada um conservando parte de sua individualidade, invocando lembranças comuns, memórias genealógicas, pois os túmulos passaram a ser também habitações familiares<sup>6</sup>.

O historiador das representações, Michel Vovelle<sup>7</sup>, discutia que a morte está intrinsecamente vinculada à vida e, por isso, faz parte da história do homem no tempo. Nesse

---

<sup>3</sup> ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. Porto Alegre: PUC, 2006.

<sup>4</sup> Para um histórico e “evolução” dos cemitérios, ver, por exemplo: CARVALHO, Luiza Fabiane Neitzke. **Os cemitérios como índice de modernidade urbana**. Revista *Habitus*, vol. 10, n. 1, 2012, p. 39-51; BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Os cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade, Ideologia**. 2ª Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

<sup>5</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 33, 2010, p. 56.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. Ática, 1997

sentido, tudo o que diz respeito aos usos, costumes e ritos mortuários interessa à história, antropologia e arqueologia.

A partir do processo de modernização, principalmente a partir do século XIX e o princípio da racionalização produtiva, a percepção sobre a morte – que antes era considerada como um signo de mutação – começou a ser substituída pela concepção de “imortalidade subjetiva”, ou seja, “[...] o túmulo e o cemitério passaram a ser vistos por muitos como um lugar no qual o homem realmente deveria cumprir a prova de sua condição mortal, sem, contudo, abdicar totalmente de sua imortalidade<sup>8</sup>.”

Outro aspecto importante é que, se antes existia o “culto aos mortos” passou-se a ter o “culto aos antepassados”. De acordo com Motta, a atribuição passara a valorizar “[...] o sentido de celebração e de homenagem à memória e, por isso, sendo mais realçados os aspectos da vida social, cívica e patriótica da nação do que propriamente os de foro mais íntimo ou religioso<sup>9</sup>.”

Com tais mudanças de percepção, os cemitérios precisaram adaptar-se aos novos moldes de culto aos mortos ou antepassados nos espaços de sepultamentos. Sobre isso, Motta enfatiza que “[...] esses novos lugares contaram com um forte investimento na colocação de estátuas, de bustos, de fotografias, de inscrições lapidares e uma infinidade de signos sobre os túmulos<sup>10</sup>.”

Segundo Odilon Oliveira<sup>11</sup>, o Cemitério dos Paivas é um local histórico onde restos de esculturas e túmulos testemunharam a época em que originou-se e, em decorrência, a dedução, pelos dados das lápides, do tempo que ali viveram as pessoas que estão sepultadas e que as ruínas do Cemitério dos Prates nos dão relações de tempo. No entanto, é importante ressaltar que, “A morte igualitária só existe no discurso, pois, na realidade, a morte acentua as diferenças sociais. As sociedades projetam nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideologias<sup>12</sup>.”

Para o presente artigo, optou-se por ter como recorte espacial os cemitérios dos Paivas, dos Prates e Municipal Papa João XXIII. A proposta deste trabalho é discutir os aspectos quantitativos que colaboraram ao longo do tempo com as simbologias dos referidos espaços no município de Santo Augusto, Rio Grande do Sul. No que diz respeito ao método de realização

---

<sup>8</sup> Motta, op. cit., p. 56.

<sup>9</sup> Ibid., p. 57.

<sup>10</sup> Motta, 2010, loc. cit.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Odilon Gomes de. **Santo Augusto: 1815/20 até 1940**. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 2000.

<sup>12</sup> BELLOMO, Harry Rodrigues. **Os cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade, Ideologia**. 2ª Porto Alegre: Edipucrs, 2008, p. 13.

da pesquisa, em um primeiro momento, estudamos os trabalhos de Oliveira<sup>13</sup> e também alguns outros estudos sobre a história do Rio Grande do Sul. Na sequência, junto com os trabalhos de Castro e Herberts<sup>14</sup>, formulamos uma ficha cemiterial, tanto do espaço do cemitério, como de cada túmulo, segundo Ana Lucia Herberts, é necessário

uma ficha de campo específica, para o registro dos dados gerais dos cemitérios, e uma ficha para o registro individual das sepulturas que contemplassem a multiplicidade de aspectos a serem considerados neste estudo, tais como a cronologia de instalação dos cemitérios, os padrões de instalação, a demografia e a relação espacial<sup>15</sup>.

Portanto, este artigo foi dividido em três partes: a primeira direcionada ao cemitério dos Paivas, considerando década de nascimento, década de morte, sobrenomes, entre outros; a segunda direcionada ao cemitério dos Prates, considerando, além dos elementos mencionados, matéria-prima e epígrafe; a terceira, seguindo o mesmo padrão de análise das anteriores.

O intuito, portanto, é apresentar os aspectos gerais dos cemitérios de uma região do Estado do Rio Grande do Sul ainda pouco explorados, sobretudo a partir dos chamados “estudos cemiteriais”, em conjunção interdisciplinar com a história em nível local, abrindo-se assim espaço para análises mais consolidadas entre diferentes cemitérios, do Rio Grande do Sul, em particular, e do Brasil, em geral.

### **Cemitério dos Paivas**

O Cemitério dos Paivas pertence ao período de ocupação e está em um local de difícil aproximação, rodeado de lavouras e seu acesso se dá na entrada localizada antes do Cemitério dos Prates, também na RS 155, seguindo por estrada de chão cerca de 20 km

No Rincão de São Jacob Cemitério dos Paivas é um local histórico cujos restos de esculturas testemunham a época em que se originou e, em decorrência a dedução, pelos dados gravados nas lápides, do tempo que ali viveram as pessoas que lá estão sepultadas. Inclusive a maior parte dos ancestrais dos Demétrio Machado, até Ubaldino de Oliveira Machado<sup>16</sup>.

Embora esteja cercado, seu estado de conservação é precário, havendo túmulos nos quais não é possível identificar as datas de nascimento e óbito ou sequer o nome da pessoa que

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Odilon Gomes de. **Santo Augusto: 50 anos**. Santo Augusto: Exclamação, 2010.

<sup>14</sup> HERBERTS, Ana Lucia. **Cemitérios no caminho: o patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages**. Nova Letra Gráfica & Editora, 2011.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Oliveira, op. cit., p. 52.

ali está enterrada, outros abertos com corpos em decomposição expostos, outros que sequer existem mais, pois os próprios fenômenos naturais acabam o destruindo.

**Figura 1: Vista geral do cemitério dos Paivas.**

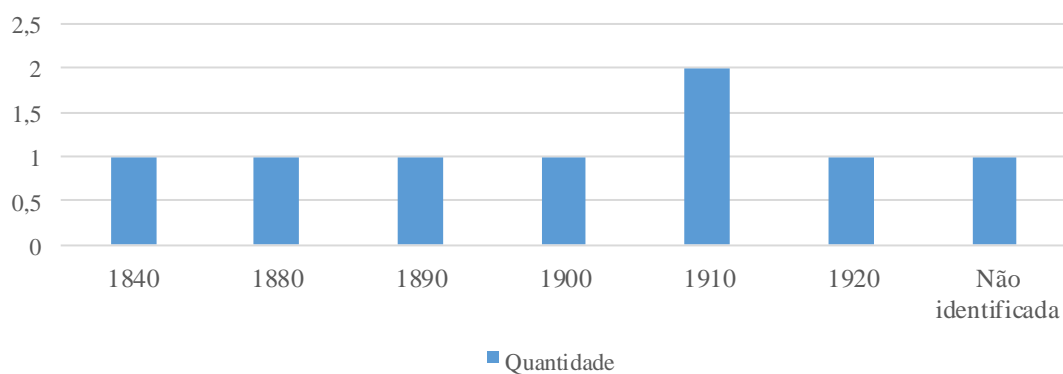


**Foto dos autores.**

#### *Década de Nascimento*

A partir dos túmulos que foram catalogados no Cemitério dos Paivas, foi possível constatar que há: 1 túmulo da década de 1840; 1 da década de 1880; também 1 da década de 1890 e 1 da década de 1900; enquanto que da década de 1910 há 2 túmulos; na sequência encontramos, também, 1 da década de 1920 e, por fim, 1 túmulo que não foi possível identificar a data de nascimento e óbito, pois parte da lápide estava danificada.

**Gráfico 1 – Década de Nascimento**

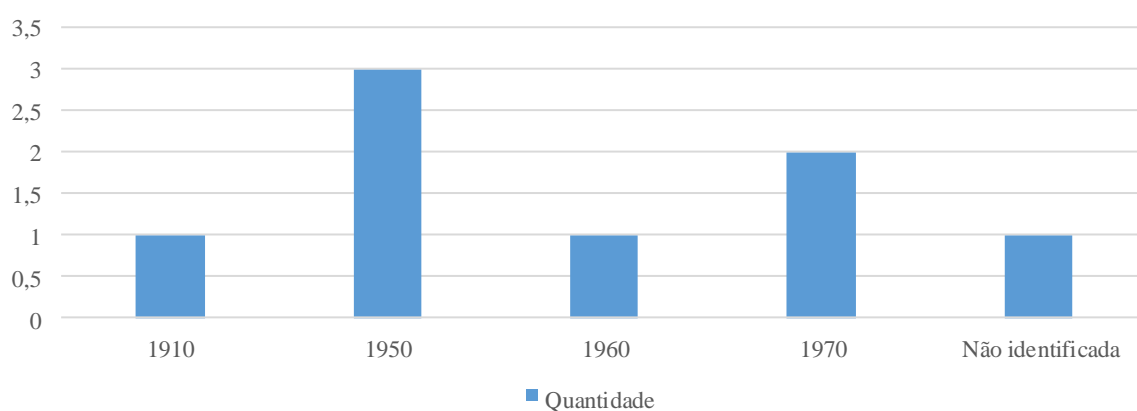


Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Década de Morte*

No que diz respeito às décadas de morte observadas nos túmulos catalogados do Cemitério dos Paivas, foi possível perceber que a década na qual houve mais óbitos foi a de 1950, totalizando 3 mortes; seguida da década de 1970 com 2; enquanto que a década de 1910 e a de 1960 tiveram 1 cada e ainda 1 túmulo no qual não foi possível identificar essa data, pois o mesmo estava com parte da lápide danificada.

**Gráfico 2 – Década de Morte Cemitério dos Paivas**



Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Sobrenomes*

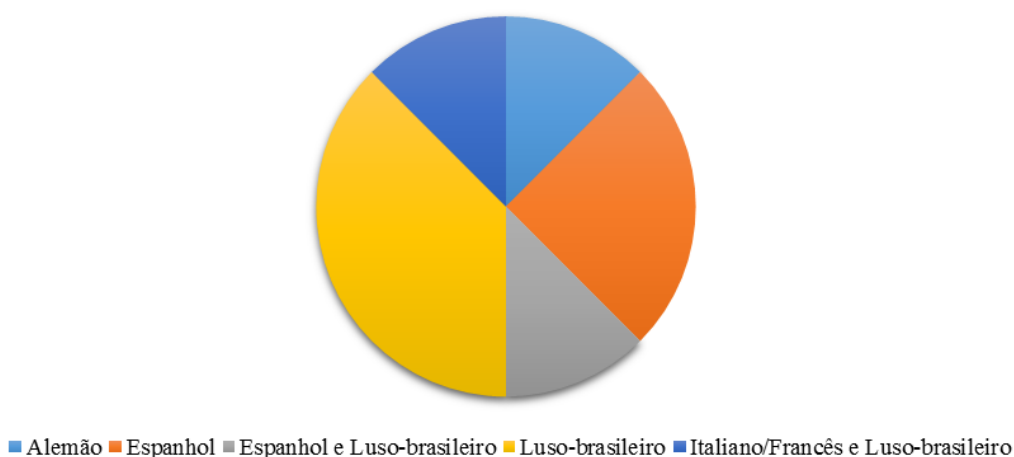
A partir da análise dos túmulos catalogados, no que se pode observar em relação aos sobrenomes, foi possível identificar uma presença maior de túmulos de luso-brasileiros, totalizando 3 túmulos; seguido por túmulos de pessoas com sobrenomes espanhóis com 2 túmulos; enquanto túmulos de pessoas com sobrenome alemão há a presença de apenas 1; ainda nos compostos com mais de uma etnia que é o caso de sobrenomes espanhóis e luso-brasileiros; bem como italiano/francês e luso brasileiros há a presença de 1 de cada.

Isso mostra que a cidade contou com a presença de diferentes etnias ao longo do período de 1910 a 1970. Segundo Fábio Cerqueira e Elaine Bastianello<sup>17</sup>, isso “Simboliza a memória do sepultado, a visão social de sua família, bem como um conjunto de valores da sociedade da época, dando eco inclusive às particularidades étnicas.” Segundo Carvalho (2012), os

<sup>17</sup> CERQUEIRA, Fábio Vergara; BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. Espaço funerário, etnias e valores religiosos no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, RS: histórias de rechaço e acolhimento, um judeu e um negro. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 4, n. 8, 2012, p. 173.

cemitérios acompanharam as mudanças ocorridas nos espaços urbanos, com o decorrer dos séculos e décadas, do aparecimento e desaparecimento de costumes, modas, gostos estéticos, aspectos sociais e culturais. Assim, “detectamos a intenção remodeladora e progressista das intervenções sofridas pelos cemitérios – ao subtrair, transladar, ou descaracterizar as suas obras sem precedentes” (Carvalho, op.cit.: 2012).

**Gráfico 3 – Sobrenomes Cemitério dos Paivas**



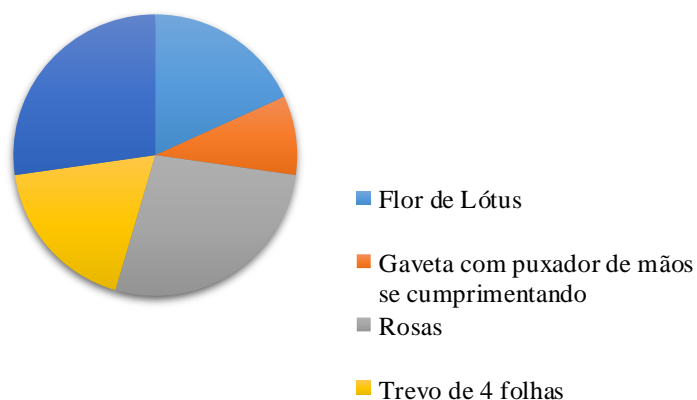
Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à simbologia presente nos túmulos catalogados no Cemitério dos (NÃO É DOS PAIVAS?) Paivas é possível observar uma grande variedade de símbolos e alguns túmulos sem simbologia alguma. Há 1 túmulo que apresenta o símbolo de uma estrela-do-mar; enquanto o símbolo da flor de lótus está presente em 2 túmulos; há ainda a presença de 1 túmulo com o símbolo de uma gaveta na qual o puxador são duas mãos se cumprimentando; em maior número aparecem os símbolos de rosas, sendo, neste caso, 3 túmulos com essa simbologia.

Por fim, há a presença de 2 túmulos que apresentam o símbolo do trevo de 4 folhas. É importante frisar também que o número de túmulos sem simbologia é 3. Outro detalhe interessante, no que diz respeito aos túmulos catalogados, é o fato de que não necessariamente há somente uma simbologia no túmulo; mas em todos os casos há no mínimo 2 símbolos diferentes. De acordo com Ronaldo Oliveira, as “[...] simbologias permitem ao investigador identificar concepções religiosas e as devoções<sup>18</sup>.”

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Ronald Lopes de. **Sepultamentos e cemitérios numa vila católica marcada pela colonização protestante: (Nova Friburgo, século XIX)**. 2018, p. 164.

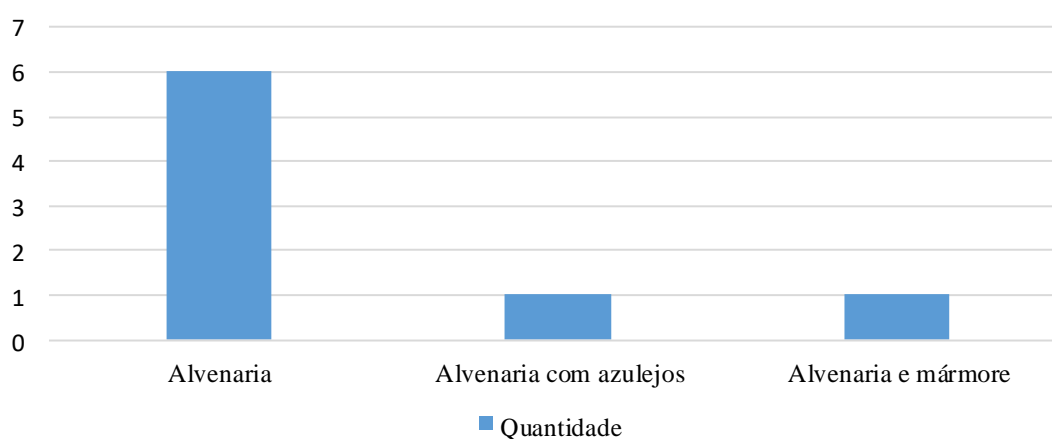


**Gráfico 4 – Simbologia Cemitério dos Paivas**

Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Matéria-prima*

A matéria-prima presente nos túmulos catalogados no Cemitério dos Paivas é bastante semelhante em todos os casos, é possível observar (*ver gráfico 5*) um total de 6 túmulos de alvenaria, enquanto há outros dois mistos, sendo 1 de alvenaria e coberto com azulejos e, também, 1 de alvenaria e mármore. Tais aspectos colaboram com a constituição de uma diferenciação social entre os que ali estão sepultados.

**Gráfico 5 – Matéria-prima Cemitério dos Paivas**

Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Epígrafe*

Nos túmulos catalogados, observou-se que alguns apresentam epígrafe enquanto outros não. Sendo os que apresentam epígrafe (*ver gráfico 6*), um total de 5 túmulos; em menor número estão os que não apresentam epígrafe, totalizando 3 túmulos. É importante destacar uma diferenciação destas epígrafes.

**Gráfico 6 – Epígrafe Cemitério dos Paivas**



Fonte: Elaborado pelos autores.

### **Cemitério dos Prates**

Encontra-se na RS 155, defronte a nascente do Rio Inhacorá. É um cemitério de fácil acesso, visível a quem transita na RS 155. Atualmente pertence à Nova Ramada.

Seu estado de conservação é regular. Encontra-se cercado e limpo, o que talvez possa ser explicado pelo fato de ainda estar em atividade. Neste caso é possível observar que não há diferenciação de túmulos por data de óbito, ou seja, eles estão misturados. Segundo Oliveira, “[...] o Cemitério dos Prates, cujas ruínas comparadas com as dos anteriores, nos dá a relação de tempo<sup>19</sup>.”

<sup>19</sup> Oliveira, op. cit., p. 52.

**Figura 2: Túmulos no Cemitério dos Prates.**



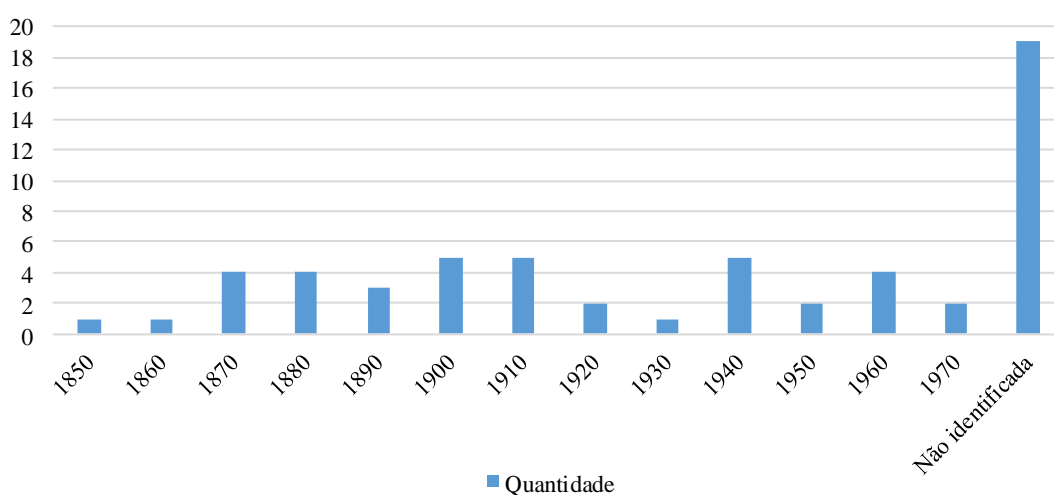
**Foto dos autores.**

### *Década de Nascimento*

Ao analisar os túmulos catalogados no Cemitério dos Prates, no que diz respeito as décadas de nascimento, pudemos observar que há túmulos de nascidos desde a década de 1850. As décadas observadas com menos nascimentos são 1850, 1860 e 1930 com 1 cada. Já os túmulos de nascidos nas décadas de 1920, 1950 e 1970 são um total de 2. Em maior número estão os nascidos na década de 1890 com 3 túmulos; também os nascidos nas décadas de 1870, 1880, 1960 com 4 cada; enquanto que as décadas de 1900, 1910 e 1940 contam com 5 túmulos cada. Ainda é necessário considerar que foram 19 túmulos catalogados nos quais não foi possível identificar a década de nascimento ou que a mesma não estava informada.

É importante destacar que há túmulos no qual há mais de uma pessoa enterrada, assim, sendo consideradas todas as décadas de nascimento (*ver gráfico 7*).

### **Gráfico 7 – Década de Nascimento Cemitério dos Prates**

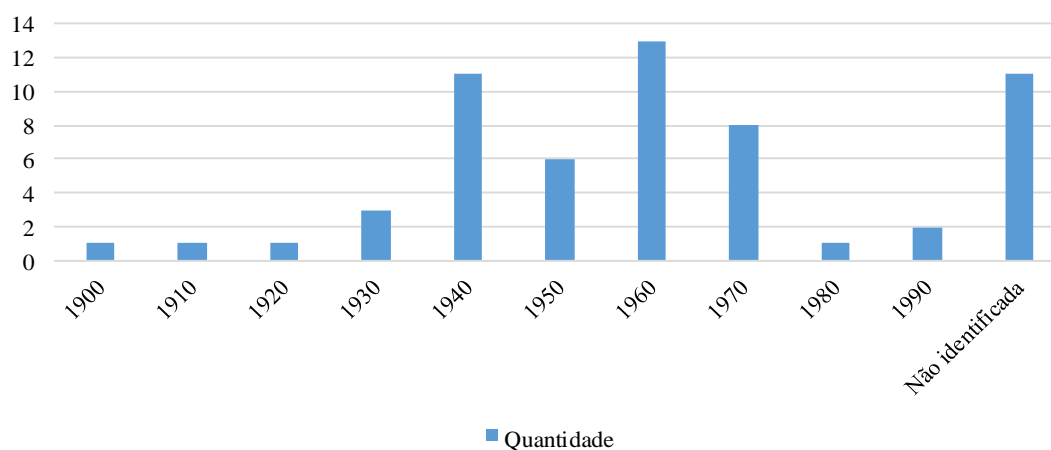


Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Década de Morte*

Ao considerar as décadas de morte dos túmulos catalogados no Cemitério dos Prates, foi possível identificar que há grande variedade de datas (*ver gráfico 8*), indo desde a década de 1900 a 1990. Foi observada nos túmulos 1 morte nas décadas de 1900, 1910, 1920 e 1980; já nas décadas de 1930 e 1990 respectivamente 3 e 2; enquanto nas décadas de 1950 e 1970 há respectivamente 6 e 8; em maior número estão as décadas de 1940 e 1960 com 11 e 13 mortes dos túmulos observados e catalogados. É importante destacar que destes há 11 túmulos nos quais não foi possível identificar a década da morte ou a mesma não estava informada.

**Gráfico 8 – Década de Morte Cemitério dos Prates**

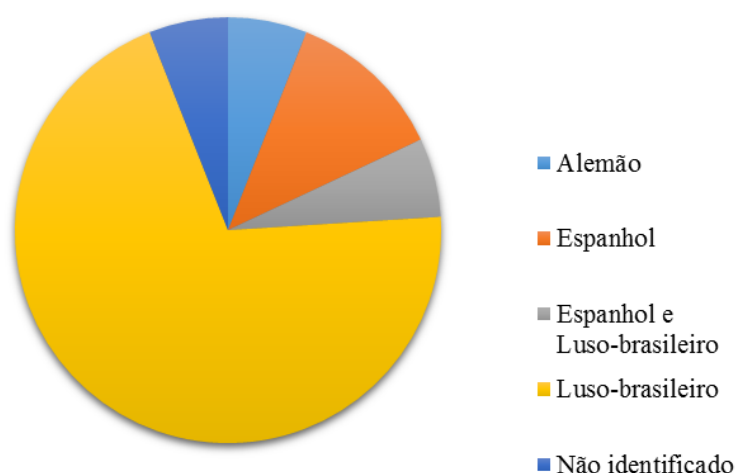


Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Sobrenomes*

A partir dos túmulos analisados e catalogados, no que diz respeito ao sobrenome, foi possível identificar a forte presença de luso-brasileiros (*ver gráfico 9*): com um total de 35 pessoas com sobrenomes dessa origem; enquanto que outros de origem espanhola, alemã havia 6 e 3, respectivamente. Já os que contam com mais de 1 sobrenome diferente, como é o caso dos espanhóis e luso-brasileiros o número de pessoas com esse sobrenome é de 3. Os não identificados estão na mesma quantidade: 3. Também destacamos que nesses casos, há alguns nos quais há mais de uma pessoa enterrada neste local, estando todas as pessoas do túmulo consideradas na observação e registro de dados.

**Gráfico 9 – Sobrenomes Cemitério dos Prates**



Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Simbologia*

Há uma variedade muito grande de símbolos nos túmulos observados (*ver gráfico 10*), classificamos os mesmos em categorias que possibilitam sua análise, por exemplo: todos os tipos de anjos numa categoria, todos os tipos de cruz numa categoria e assim sucessivamente. Os símbolos mais encontrados nos túmulos observados foram a cruz e o ramo ou folha de palmeira, estando a cruz em uma variedade de formas (com rosas, com folhas, com pontas de flechas etc.) e ambas aparecendo 16 vezes; Segundo Jacqueline Ahlert<sup>20</sup>, “Concebe-se na gestualidade das figuras recostadas sobre os túmulos segurando um ramo de palmeira e/ou um

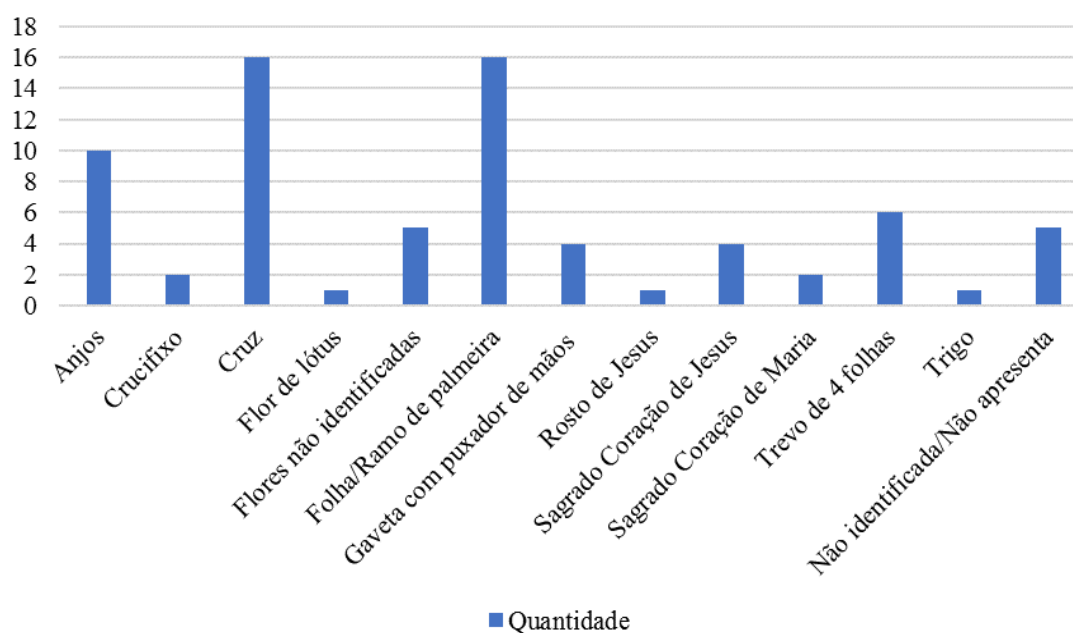
<sup>20</sup> AHLERT, Jacqueline. Cultura material funerária: as alegorias do Cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). **Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia, Passo Fundo**, v. 1, 2017, p. 6.

punhado de flores, maiormente, rosas, traduzindo de forma paradoxal a imortalidade e a fragilidade existencial.”

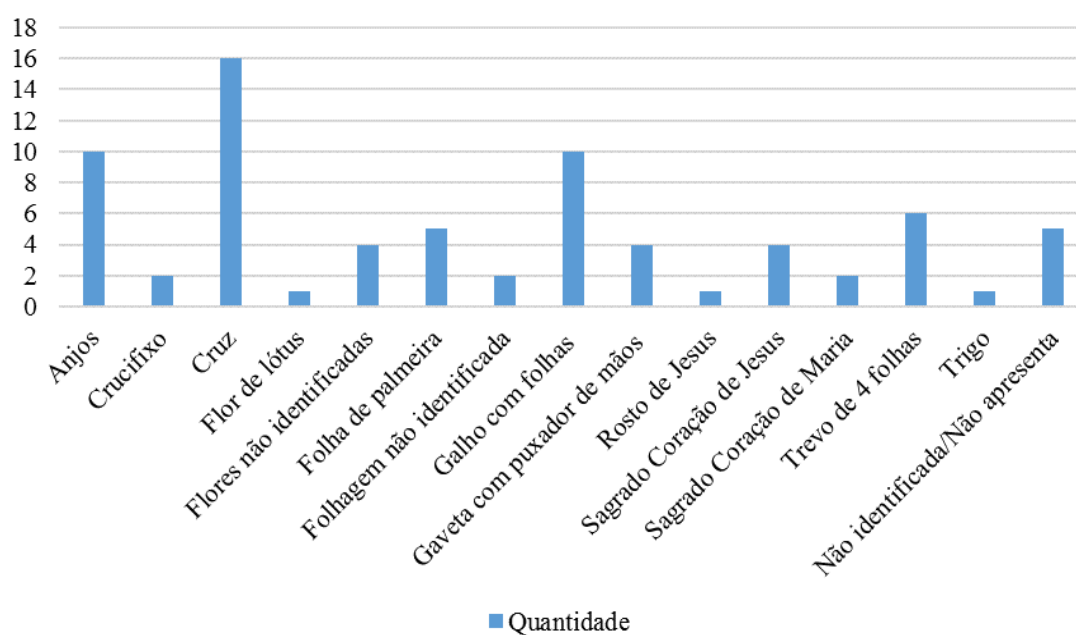
Seguida do símbolo de anjos que aparece 10 vezes e numa grande quantidade de formas também (anjo sentado segurando livro; anjo com rosto sereno, anjo sentado etc); outros simbolizaram de palmas que aparecem são o trevo de quatro folhas, sendo 6 vezes, seguido de flores não identificadas; da gaveta na qual os puxadores são mãos se cumprimentando e do sagrado coração de Jesus que aparecem respectivamente 5; 4 e 4 vezes. Em menor número estão o crucifixo; o sagrado coração de Maria; a flor de lótus; o rosto de Jesus e o trigo que aparecem 2; 2; 1; 1 e 1 vezes, respectivamente. De acordo com Ahlert,

Cruzes, anjos e imagens de Cristo, em relevo ou escultura, constituem a grande maioria das representações que lá figuram. O catolicismo e, em menor número, o luteranismo, o pentecostalismo e demais religiões cristãs, predominam na necrópole.<sup>21</sup> (AHLERT, 2017, p. 4).

### Gráfico 10 – Simbologia Cemitério dos Prates



<sup>21</sup> Ibid., p. 4.



Fonte: Elaborado pelos autores.

### Matéria-prima

Quanto a matéria-prima dos túmulos analisados, foi possível identificar uma disparidade muito grande da alvenaria em relação a outros materiais (*ver gráfico 11*) – o mesmo foi encontrado em 29 túmulos, em menor número está a alvenaria e azulejo que aparece 9 vezes; alvenaria azulejo e mármore 2; mármore também foi encontrado 2 vezes; bem como alvenaria e tijolo. Ainda o mármore e azulejo e metal e ferro que só foram encontrados 1 vez nos túmulos catalogados.

**Gráfico 11 – Matéria-prima Cemitério dos Prates**



Fonte: Elaborado pelos autores.

## *Epígrafe*

Ao observarmos os túmulos que apresentam ou não epígrafe conforme gráfico 12, deparamo-nos com uma disparidade forte, sendo os que apresentam um total de 13, enquanto os que não apresentam são um total de 46 (*ver gráfico 12*).

### **Gráfico 12 – Epígrafe Cemitério dos Prates**



Fonte: Elaborado pelos autores.

### **Cemitério Municipal Papa João XXIII**

Ao que se tem registrado na obra de Oliveira do que diz respeito à história do Cemitério Municipal, “[...] a área de terra onde hoje está localizado o Cemitério, era pertencente à Ildefonso Silveira Lucas e em dado momento houve uma morte e não havia local onde o morto pudesse ser enterrado<sup>22</sup>.” Então, o proprietário ofereceu um pedaço do terreno para que a pessoa pudesse ser enterrada e começasse o cemitério. Posteriormente o padre da localidade abençoou o local. Pelos relatos orais, esse fato teria ocorrido em 1922.

Com o incentivo dos próprios moradores, havia a possibilidade de cercar o cemitério, porém somente quem contribuísse para a cerca poderia sepultar seus familiares. Um homem chamado “Chico Veiga” foi quem pagou a primeira cerca, mas após isso exigiu que fossem feitas contribuições dos demais sócios. Há registros de pagamentos, entre outros<sup>23</sup>.

Não há como afirmar quando a Igreja passou a fazer parte disso, mas há registros de que

<sup>22</sup> Oliveira, op. cit., p. 24.

<sup>23</sup> Ibid., p. 27.



em 1960 o município encampou o cemitério e a partir de 1961 se iniciou o Livro de Sepultamentos. Atualmente o Cemitério está localizado na Rua Bom Fim, Bairro Glória. Encontra-se rodeado de muros e limpo. Há ainda uma capela municipal ao lado, onde ocorrem velórios quando solicitado pelos moradores.

O Cemitério Municipal Papa João XXIII encontra-se em estado de conservação bom, porém há alguns túmulos recentes misturados aos antigos. E é possível que em breve acabe o espaço disponível para sepultamentos, pois os túmulos estão próximos aos limites do cemitério.

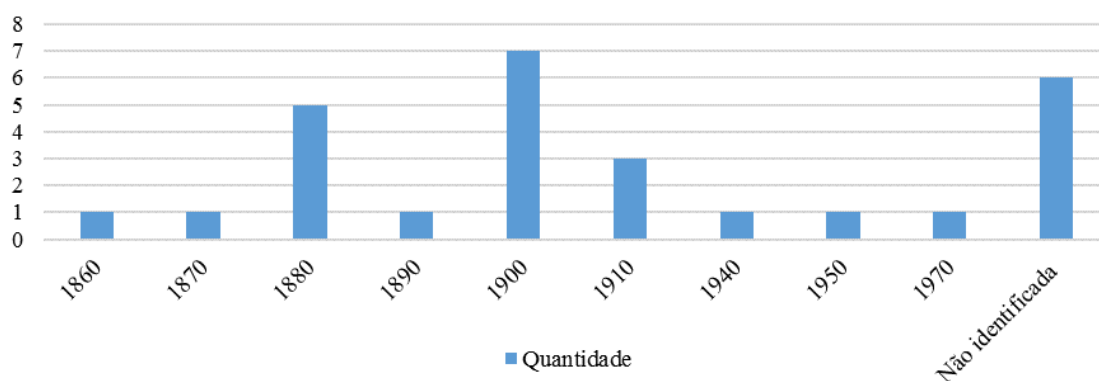
**Figura 3: Túmulo de duas pessoas no Cemitério Municipal Papa João XXIII.**



**Foto dos autores.**

### *Década de Nascimento*

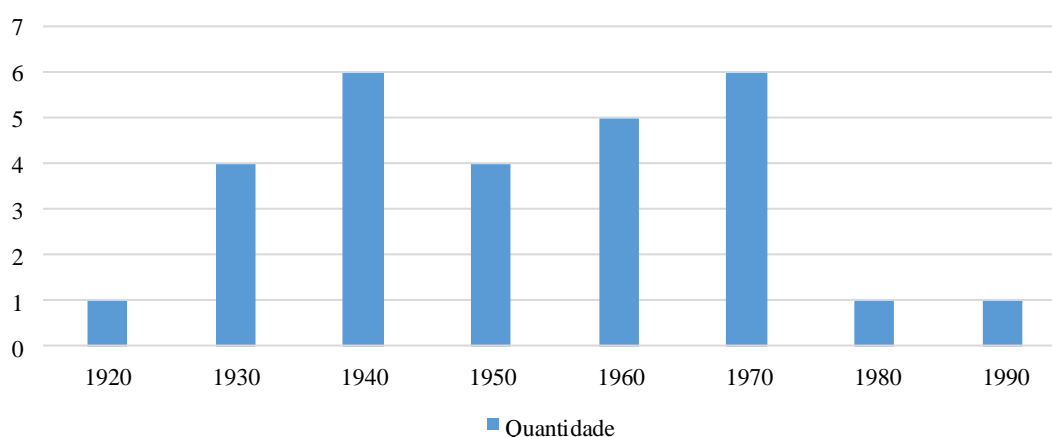
A partir do que pudemos observar nas décadas de nascimentos registradas nos túmulos catalogados, foi possível perceber uma variedade de datas, dentre as quais se destaca a década de 1900 com o maior número de nascimentos, totalizando 7; em seguida vemos a década de 1880 com 5; já a década de 1910 temos 3 nascimentos; em menor número estão as décadas de 1860; 1870; 1890; 1940; 1950 e 1970 todos com 1 pessoa. Ainda, encontramos 6 túmulos onde não foi possível identificar a década de nascimento. (*ver gráfico 13*).

**Gráfico 13 – Década de Nascimento Cemitério Municipal Papa João XXIII**

Fonte: Elaborado pelos autores.

#### *Década de Morte*

Diante das nossas observações em relação às décadas de morte presentes nos túmulos catalogados, foi possível perceber que as décadas de mortes que aparecem em maior número são as de 1940 e 1970 com 6 cada; seguidas pela década de 1960 com 5 mortes; enquanto as décadas de 1930 e 1950 apresentam 4 cada. Em menor número aparecem a década de 1920, 1980 e 1990 com 1 morte cada (*ver gráfico 14*).

**Gráfico 14 – Década de Morte Cemitério Municipal Papa João XXIII**

Fonte: Elaborado pelos autores.

### Sobrenomes

Pudemos averiguar a partir dos túmulos observados que o sobrenome que aparece em maior número é o de origem italiana, com 10 túmulos de pessoas deste sobrenome; seguido pelo luso- brasileiro com 8; enquanto que sobrenomes de origem espanhola e sobrenomes compostos de italiano e luso-brasileiro, aparecem com 1 túmulo cada (*ver gráfico 15*).

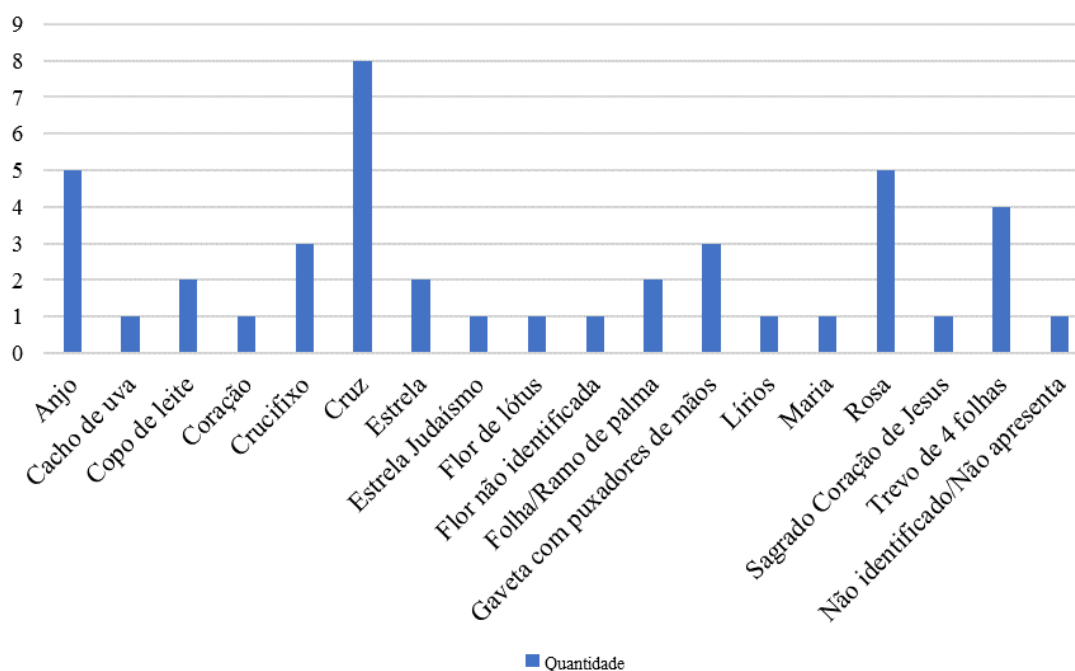
**Gráfico 15 – Sobrenomes Cemitério Municipal Papa João XXIII**



Fonte: Elaborado pelos autores.

### Simbologia

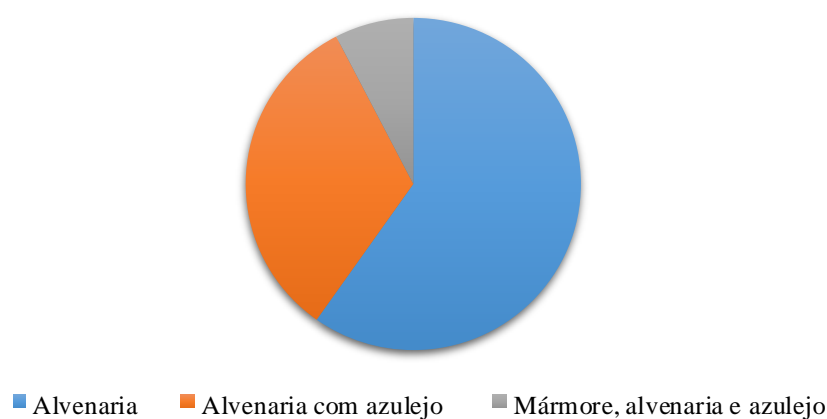
Diante dos túmulos observados e catalogados no Cemitério Municipal, pudemos avaliar os diferentes tipos de símbolos presentes nos mesmos. Em maior número aparece a cruz, 8 vezes; seguida pela rosa e o anjo que aparecem 5 vezes cada; Trevo de 4 folhas aparece 4 vezes; a gaveta com puxadores de mãos se cumprimentando e o crucifixo foram encontrados 3 vezes; já a flor copo de leite; folha ou ramo de palmeira e estrela aparecem 2 vezes; os outros símbolos como coração; flor que não foi identificada; estrela de 6 pontas símbolo do Judaísmo; Maria; flor de lótus; cacho de uva; Sagrado Coração de Jesus; lírio, aparecem 1 vez cada (*ver gráfico 16*).

**Gráfico 16 – Simbologia Cemitério Municipal Papa João XXIII**

Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Matéria-prima*

A partir da observação da matéria-prima presente nos túmulos catalogados, pudemos perceber a presença em maior número da alvenaria, com 11 túmulos; já os de alvenaria com azulejo aparecem 6 vezes e por fim o misto de mármore, alvenaria e azulejo que aparece 3 vezes (ver gráfico 17).

**Gráfico 17 – Matéria-prima Cemitério Municipal Papa João XXIII**

Fonte: Elaborado pelos autores.

### *Epígrafe*

A partir do que pudemos observar nos túmulos catalogados no que diz respeito à epígrafe, percebemos em maior número os que não apresentam epígrafe, num total de 11; enquanto os que apresentam estão em 9 (*ver gráfico 18*).

**Gráfico 18 – Epígrafe Cemitério Municipal Papa João XXIII**



Fonte: Elaborado pelos autores.

### **Considerações finais**

Na primeira parte deste trabalho, foi possível perceber que os túmulos se distribuía desde o século XIX e estendia-se até a segunda década do século XX. Isso auxilia na compreensão de que, não existiu apenas uma geração sepultada no cemitério dos Paivas, mas sim, duas. A década de 1950 concentra o maior número de óbitos em todo o período. Isso pode ser explicado pelo fluxo de intensa migração ocorrida até 1970, em Santo Augusto<sup>24</sup>.

Os sobrenomes, por sua vez, apresentam mais presença de luso-brasileiros lá sepultados, seguido de espanhóis e um alemão. Isso reforça a presença de diferentes etnias presentes desde o século XIX em Santo Augusto. Já a matéria-prima empregada na construção desses túmulos, percebe-se que a maioria deles foram construídos em alvenaria, tendo, apenas alguns em alvenaria e mármore ou azulejo. Aspectos como estes diziam muito sobre a diferenciação social e econômica entre os sepultados.

Já na segunda parte, apresentamos os dados do cemitério dos Prates. O primeiro aspecto relevante foi o cuidado em que se encontrava o local – cercado e limpo. No entanto, constatou-

<sup>24</sup> PARIS, Maria Stela; LINKE, Vinicius Brondani; MUELLER, Airton Adelar; KELM, Martinho Luis; GRZYBOVSKI, Denize. Santo Augusto, entre idas e vindas: análise dos movimentos migratórios ocorridos numa perspectiva histórica. **Revista Grifos**, v. 26, n. 43, 2017.

se que assim como o anterior, não houve diferenciação nas datas de óbito. Essas iam desde o início do século XX até a década de 1990. Com relação aos sobrenomes, a maior predominância deu-se com os luso-brasileiros, seguido dos espanhóis. Isso demonstra que, assim como no cemitério dos Paivas, a predominância dos luso-brasileiros e espanhóis prevalecia. A matéria-prima que teve maior uso foi a alvenaria, ou, alvenaria mais azulejo.

Por último e não menos importante, observamos que os túmulos presentes no cemitério municipal Papa João XXIII não possuem algumas das marcas que os outros dois anteriores possuíam. O primeiro aspecto está ligado ao fato de que esse desenvolveu-se por incentivo dos moradores e só veio a registrar o primeiro sepultamento no ano de 1960 – no livro de sepultamentos da Igreja Católica. Outro ponto relevante é que ele possui muros e, no momento da coleta de dados, estava limpo – sem contar que há a presença de uma capela ao lado, coisa que não existe nos demais.

Sobre os ornamentos e simbologias materiais encontradas nos cemitérios aqui analisados, nos baseamos no Dicionário de Símbolos Online (<https://www.dicionariodesimbolos.com.br>), para descrevermos, pelo menos em nível básico, os significados dos principais elementos encontrados e considerando a sua aplicabilidade em ambientes cemiteriais, exceto nos casos em que recorreremos à Dalmáz<sup>25</sup> para contribuir com a descrição dos significados dos símbolos encontrados:

- Flor de Lótus: sabedoria, paz e renascimento (Cemitério dos Paivas, Cemitério dos Prates e Cemitério Municipal).
- Estrela do Mar: força, longevidade e renovação (Cemitério dos Paivas).
- Puxador com as mãos se cumprimentando (mãos dadas): Transmissão de conforto e de energia entre duas pessoas (provavelmente entre os que ficaram e os que se foram) (Cemitério dos Paivas, Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Rosas: amor, pureza, paixão e renascimento (Cemitério dos Paivas, Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Trevo de quatro folhas: esperança, fé e amor (Cemitério dos Paivas, dos Prates, Cemitério Municipal Papa João XXIII).

---

<sup>25</sup>DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:Edipucrs, 2008, p. 97-112.

- Cruz (sozinha ou combinada): Símbolo mais comum em cemitérios cristãos, simboliza a ressurreição de Cristo (Cemitério dos Paivas, Cemitério dos Prates, Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Anjos (e suas variações de formas e composições): portador de mensagens entre o mundo dos vivos e dos mortos (Cemitério dos Prates, Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Folha ou ramos de palmeira: De acordo com Dalmáz<sup>26</sup> “para a concepção cristã, estão associados a ideia de paz, vida eterna e ressurreição” (Cemitério dos Prates, Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Sagrado Coração de Maria: o amor e a dor de mãe (Cemitério dos Prates).
- Sagrado Coração de Jesus: amor aos filhos (Cemitério dos Prates).
- Crucifixo: Ressurreição e sofrimento de Cristo (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Estrela de seis pontas: Símbolo do judaísmo (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Cacho de uva: Longevidade e o sangue de Cristo (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Lírio: pureza e inocência (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Coração: Segundo Dalmáz<sup>27</sup>, “além do sentimento e da virtude, o coração pode significar a felicidade e a tristeza” (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Flor copo-de-leite: paz e tranquilidade (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Estrela: Para Dalmáz<sup>28</sup>, possui, tanto o sentido de “guia” por conta da estrela que guiou os três reis magos até a manjedoura de nascimento de Jesus, bem como os setes anjos protetores das igrejas que são citadas na Bíblia, mais precisamente, no livro do Apocalipse (Cemitério Municipal Papa João XXIII).
- Trigo: Representação do corpo de Cristo (Cemitério dos Prates, Cemitério Municipal Papa João XXIII).

Os túmulos, assim como os demais, estão misturados. No entanto, as décadas de morte variam entre 1920 e 1990, o que mostra que os enterros naquele local precederam ao que apresenta as datas do obituário da Igreja. Já os sobrenomes que tiveram maior incidência,

---

<sup>26</sup>DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:Edipucrs, 2008, p. 102.

<sup>27</sup>DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:Edipucrs, 2008, p. 106.

<sup>28</sup>DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:Edipucrs, 2008, p. 109.

contrapondo-se aos cemitérios dos Paivas e Prates, por sua vez, teve predominância de italianos, seguido de luso-brasileiros.

Portanto, conclui-se que esses três cemitérios são sinalizadores da sociedade que se instituiu em fins do século XIX e por quase todo século XX, apresentando principalmente, que etnias compunham aquela sociedade e de que modo esses grupos se diferenciavam após a morte.

### Referências bibliográficas

AHLERT, Jacqueline. Cultura material funerária: as alegorias do Cemitério Vera Cruz (Passo Fundo/RS). **Seminário Internacional de Cultura Material e Arqueologia, Passo Fundo**, v. 1, 2017, p. 1-16. Disponível em: [http://upf.br/\\_uploads/Conteudo/ppgh/anais-seminario-internacional/2017/ahlert.pdf](http://upf.br/_uploads/Conteudo/ppgh/anais-seminario-internacional/2017/ahlert.pdf). Acesso em: 5 Dez. 2020.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)**. 2006, 127p. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Os cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, Sociedade, Ideologia**. 2ª Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

CARVALHO, Luiza Fabiane Neitzke. Os cemitérios como índice de modernidade urbana. **Revista Habitus**, vol. 10, n. 1, 2012, p. 39-51.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. Espaço funerário, etnias e valores religiosos no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, RS: histórias de rechaço e acolhimento, um judeu e um negro. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, 2012, p. 172-191. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/download/10508/6850>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry Rodrigues. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre:Edipucrs, 2008, p. 97-112.

HERBERTS, Ana Lucia. **Cemitérios no caminho: o patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages**. Nova Letra Gráfica & Editora, 2011.

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 33, 2010, p. 55-80. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010471832010000100005&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010471832010000100005&script=sci_arttext&tlng=pt) Acesso em: 15 Dez. 2020.



PARIS, Maria Stela; LINKE, Vinicius Brondani; MUELLER, Airton Adelar; KELM, Martinho Luis; GRZYBOVSKI, Denize. Santo Augusto, entre idas e vindas: análise dos movimentos migratórios ocorridos numa perspectiva histórica. **Revista Grifos**, v. 26, n. 43, 2017, p. 218-253. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/download/4037/2556>. Acesso em: 25 Dez. 2020.

OLIVEIRA, Odilon Gomes de. **Santo Augusto: 1815/20 até 1940**. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 2000, 158 p.

OLIVEIRA, Odilon Gomes de. **Santo Augusto: 50 anos**. Santo Augusto: Exclamação, 2010, 207 p.

OLIVEIRA, Ronald Lopes de. **Sepultamentos e cemitérios numa vila católica marcada pela colonização protestante: (Nova Friburgo, século XIX)**. 2018. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/LOPES-%20Ronald.%20Sepultamentos%20e%20Cemiterios%20numa%20vila%20catolica%20marcada%20pela%20colonizacao%20protestatne.pdf>. Acesso em: 10 Dez. 2020.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. Ática, 1997.

VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Ática, 1997.

---

Recebido: 14 de maio de 2021

Aprovado: 30 de setembro de 2021